Coleção Educação: Experiência e Sentido

Jorge Larrosa

# **Tremores**

Escritos sobre experiência

Tradução Cristina Antunes João Wanderley Geraldi

autêntica

Copyright © 2014 Jorge Larrosa Copyright © 2014 Autêntica Editora

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

COORDENADORES DA COLEÇÃO EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIA E SENTIDO Jorge Larrosa

Walter Kohan

Alberto Bittencourt

EDITORA RESPONSÁVEL

DIAGRAMAÇÃO Jairo Alvarenga Fonseca

Reiane Dias

Livia Martins

REVISÃO Dila Bragança de Mendonça

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Larrosa, Jorge

Tremores : escritos sobre experiência / Jorge Larrosa ; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014. - (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

ISBN 978-85-8217-437-1

1. Educação - Filosofia 2. Educadores - Formação 3. Experiências 4. Pedagogia 5. Professores - Formação I. Título. II. Série.

14-06641

CDD-370.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Educadores : Experiências : Educação 370.7

GRUPO AUTÊNTICA

**Belo Harizante** Rua Aimorés, 981, 8º andar , Funcionários 30140-071 Belo Horizonte MG Tel.: (55 31) 3214-5700

Televendas: 0800 283 13 22 www.grupoautentica.com.br São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I . 23° andar, Conj. 2301 . Cerqueira César . 01311-940 . São Paulo . SP Tel.: (55 11) 3034-4468

# APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo.

Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo.

A coleção Educação: Experiência e Sentido propõe-se a testemunhar experiências de escrever na educação, de educar na escritura. Essa coleção não é animada por nenhum propósito revelador, convertedor ou doutrinário: definitivamente, nada a revelar, ninguém a converter, nenhuma doutrina a transmitir.

CAPÍTULO 4

que em filosofia, e não só em filosofia, quando a questão é estar bem informado sobre o caráter sensível da língua, quando se trata de considerar a língua a partir de sua relação com o corpo e com a subjetividade, frequentemente se apela a noções que têm a ver com a oralidade, com a boca e com a língua, com o ouvido e com a orelha, com a voz. E aí não se trata da diferença entre fala e escrita, mas sim da diferença entre distintas experiências da língua, incluindo o ler e o escrever. A oralidade a que me refiro não se opõe à escrita, mas, ao contrário, atravessa toda a linguagem, como se a escrita tivesse sua própria oralidade, como se fosse possível traçar diferenças entre tipos de escrita segundo suas diversas formas de oralidade. A voz é a marca da subjetividade na experiência da linguagem, também na experiência da leitura e da escrita. Na voz, o que está em jogo é o sujeito que fala e que escuta, que lê e que escreve. A partir daqui se poderia estabelecer um contraste entre uma língua com voz, com tom, com ritmo, com corpo, com subjetividade, uma língua para a conversação... e uma língua sem voz, afônica, átona ou monótona, arritmica, uma língua dos que não têm língua, uma língua de ninguém e para ninguém, que seria, talvez, essa língua que aspira a objetividade, a neutralidade e a universalidade e que tenta, portanto, o que foi apagado de todo traço subjetivo, a indiferença tanto no que se refere ao falante/escritor quanto no que se refere ao ouvinte/leitor.

E o que quero dizer a você, por último, é que necessitamos de uma língua na qual falar e escutar, ler e escrever seja uma experiência. Singular e singularizadora, plural e pluralizadora, ativa, mas também pessoal, na qual algo nos aconteça, incerta, que não esteja normatizada por nosso saber, nem por nosso poder, nem por nossa vontade, que nunca saibamos de antemão aonde nos leva.

Gostaria de conversar com você.

# Ferido de realidade e em busca de realidade. Notas sobre as linguagens da experiência<sup>1</sup>

Tradução de Cristina Antunes

Isso é só o que hoje podemos te dizer, o que não somos, o que não queremos.

Eugenio Montale

Mas o que
mas como
mas de que outro modo
com que cara
continuar vivo
prosseguir.
Idea Vilariño

Há só cada um de nós, como uma cave. Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora: e um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

Fernando Pessoa

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Publicado em: CONTRERAS, José; LARA, Nuria Pérez de (Eds). Investigar la experiencia educativa. Madrid: Morata, 2010.

#### O não e o talvez

A palavra "experiência" serviu a muitos de nós para elaborar uma distância a respeito do que poderíamos chamar de "a ordem do discurso pedagógico", esta ordem que está feita de modos de dizer e de pensar (e de olhar e de escutar, e de ler e de escrever, e de fazer e de querer) nos quais não podemos nos reconhecer. A palavra "experiência" nos serviu e nos serve para nos situar num lugar, ou numa intempérie, a partir da qual se pode dizer não: o que não somos, o que não queremos. Mas nos serviu também para afirmar nossa vontade de viver. Porque se a experiência é o que nos acontece, o que é a vida senão o passar do que nos acontece e nossas torpes, inúteis e sempre provisórias tentativas de elaborar seu sentido, ou sua falta de sentido? A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la. Por isso, colocar a relação educativa sob a tutela da experiência (e não da técnica, por exemplo, ou da prática) não é outra coisa que enfatizar sua implicação com a vida, sua vitalidade. Mas como? E sobretudo de que outro modo?

Fazer soar a palavra "experiência" em educação tem a ver, então, com um não e com uma pergunta. Com um não a isso que nos é apresentado como necessário e como obrigatório, e que já não admitimos. E com uma pergunta que se refere ao outro, que encaminha e aponta em direção ao outro (para outros modos de pensamento, e da linguagem, e da sensibilidade, e da ação, e da vontade), porém, sem dúvida, sem determiná-lo. Só porque ainda queremos continuar vivos, prosseguir. E porque ainda intuímos, ou acreditamos intuir, um além de. Um além desse sótão que nos aprisiona, mas do qual sabemos que não será nunca o que

acreditamos que poderia ser. É preciso abrir a janela. Porém, sabendo que o que se vê quando a janela se abre nunca é o que havíamos pensado, ou sonhado, nunca é da ordem do "pre-visto". Por isso a pergunta sobre "de que outro modo" não pode ser outra coisa que uma abertura. Para o que não sabemos. Para o que não depende de nosso saber nem de nosso poder, nem de nossa vontade. Para o que só pode se indeterminar como um quem sabe, como um talvez.

Deixar que a palavra "experiência" nos venha à boca (que tutele nossa voz, nossa escrita) não é usar um instrumento, e sim se colocar no caminho, ou melhor, no espaço que ela abre. Um espaço para o pensamento, para a linguagem, para a sensibilidade e para a ação (e sobretudo para a paixão). Porque as palavras, algumas palavras, antes que se desgastem ou se fossilizem para nós, antes de permanecerem capturadas, também elas, pelas normas do saber e pelas disciplinas do pensar, antes que nos convertam, ou as convertamos em parte de uma doutrina ou de uma metodologia, antes que nos subordinem, ou as subordinemos a esse dispositivo de controle do pensamento que chamamos "investigação", ainda podem conter um gesto de rebeldia, um não, e ainda podem ser perguntas, aberturas, inícios, janelas abertas, modos de continuar vivos, de prosseguir, caminhos de vida, possibilidades do que não se sabe, talvez.

### Com que cara

O poema da Idea Vilariño não só se interroga por quê, como ou de que outro modo (continuar vivo, prosseguir) como também se pergunta com que cara. Porque, como disse Ferlosio, a cara é o espelho da alma se não é, clara e simplesmente, a alma, ou para dizer ainda mais claramente, a pessoa.<sup>2</sup> E como nos ensinou Gombrowicz, as caras se convertem muito rapidamente em aparências, fachadas, em caras

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> FERLOSIO, R. S. El alma y la vergüenza. Barcelona: Destino, 2000.

de pau, em caras duras, em máscaras rígidas, de papier machê, congeladas em uma careta imóvel e grotesca.<sup>3</sup> Sabemos com que facilidade as relações inter-humanas (essas que se dão, ou deveriam se dar, cara a cara) se transformam em mascaradas quando as caras se acartonam em posições mais ou menos institucionalizadas. Além disso, tanto Ferlosio quanto Gombrowicz, ainda que em registros muito diferentes, insistiram em assinalar a voz, junto com o rosto, como os lugares essenciais de singularização humana. E também da experiência humana, porque às vezes a nossa voz falha ou nossa cara se decompõe.

Os pedagogos, os que falam ou escrevem sobre educação, fizeram cara de especialistas, de experts, de sacerdotes, de políticos, de técnicos, de pregadores, de professores, de pesquisadores, de funcionários, ou de uma mistura de tudo isso. Por isso falam (e escutam, e leem, e escrevem) na qualidade de especialistas, ou experts, ou sacerdotes, ou políticos... sem mostrar a cara. Ou seja, impostando uma voz de técnicos, ou de pregadores, ou de professores, ou de pesquisadores, ou de funcionários... que nunca treme.

Por isso, nosso não às formas que configuram "a ordem do discurso pedagógico" é também um não a todas essas caras acartonadas, a todas essas vozes impostadas. Porque não queremos fazer caras como essas, não queremos que saiam de nós essas vozes. Então, com que cara vamos seguir adiante? Qual é a cara viva, estremecida, com a qual possamos afirmar a vida? Com que cara encarar o que nos acontece? Qual é a voz viva, trêmula, balbuciante que corresponde a essa cara, qual é a língua que lhe convêm?

#### Ferlosiana

Falava Ferlosio do indigno comércio psicológico entre padres e professores sobre a alma dos meninos. E dizia que

ficava arrepiado só de imaginar uma mãe dizendo a uma professora: "é que meu Luisito é muito introvertido". E isso porque o bom Rafael não havia assistido nunca ao opressivo espetáculo de uma professora dissertando, numa reunião de pais, sobre "a criança nesta idade". Pois bem, outro dia, em uma reportagem sobre as reformas universitárias, aparecia um grupo de estudantes de psicologia de uma célebre universidade català interpretando desenhos de crianças. Desses em que as crianças têm de desenhar sua família. E no limbo<sup>5</sup> nos perguntamos por que tanto empenho em que essas pobres crianças indefesas desenhem sua família. Que tipo de curiosidade mórbida inspirará uma petição semelhante. Mas ali estão eles, aprendendo a arrogância e a estupidez própria de seu grêmio, olhando atentamente os desenhos que seu professor projetava para eles, impostando a voz, compondo a cara, dando-se importância, dogmatizando descaradamente e sem nenhum pudor sobre qual era o significado das cores, dos tamanhos, das roupas, das cabeças e das extremidades das crianças, de seus pais e de seus irmãos. E vai saber que tipo de diagnósticos eles fazem e como os usam para aborrecer impunemente, por seu próprio bem, as crianças e muitas vezes também os pais. Além do mais, são tão covardes que só se atrevem a fazer essas patifarias com as crianças e com outros seres precários, dependentes, vulneráveis e, certamente, desafortunados. Sobre os quais se pode discursar com toda tranquilidade e com total impunidade. E aos que, sem dúvida, não se atreveriam a lhes dizer essas coisas na cara. Sua cara deveria cair de vergonha, se tivessem vergonha. Deveriam aparecer bolhas na sua língua, se tivessem língua.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Ver, por exemplo, GOMBOWICZ, W. Ferdydurke. Barcelona: Edhasa, 1984.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> FERLOSIO, R. S. Pedagogos pasan, al infierno vamos. In: La hija de la guerra y la madre de la pátria. Bercelona: Destino, 2002, p. 115.

<sup>5</sup> Esta Ferlosiana foi escrita para um programa de rádio que se chamava "Palavras desde o limbo", concretamente para uma seção intitulada "Esta nossa civilização é de assustar, cara".

E o fato é que antes as crianças eram molestadas pelos padres, que tinham muito poder e que se acreditavam possuidores da verdade. Mas agora são molestados pelos psicólogos, que também têm muito poder e também se creem na posse da verdade, porém são muito mais traiçoeiros. E esta nossa civilização é de assustar, cara.

# O corpo docente segundo Gombrowicz

Quando o diretor da escola escolhe um corpo para fazer parte do corpo docente toma muito cuidado para que não seja um corpo simpático, normal e humano, mas sim um corpo pedagógico, quer dizer, profunda e perfeitamente enfadonho, estéril, obediente e abstrato. Embora, sem dúvida, o corpo docente dessa escola esteja coroado pelas melhores cabeças da capital: nenhuma delas tem um só pensamento próprio. E se o tivesse, tanto o pensamento quanto o pensador seriam imediatamente validados. Esses mestres são perfeitos alunos e por isso são altamente eficazes em seu ofício de "alunizar" a qualquer um que lhes apareça pela frente.<sup>6</sup>

#### Animais

O enorme rinoceronte se detém. Levanta a cabeça. Recua um pouco. Vira para um lado e investe como um aríete, com um só chifre de touro blindado, enraivecido e cego, em arranque total de investigador positivista. Nunca acerta o alvo, mas sempre fica muito satisfeito com sua razão, com sua metodologia, com seus resultados e com sua força.

#### Palavras vazias

É um tempo em que no espaço, no 'éter', só se ouve o zumbido, o silvo, o troar dos diálogos. Em todos os canais se ouve continuamente o estampido da palavra "diálogo". Segundo as últimas pesquisas da pesquisa dialogal, uma disciplina que acaba de receber certidão de naturalização e que se vangloria de haver adquirido com muita rapidez uma multidão de seguidores, a palavra "diálogo", e não só nos meios de comunicação, nos sínodos interconfessionais e nas sínteses filosóficas, nesses momentos é mais frequente que "sou", "hoje", "vida" (ou "morte), "montanha" (ou "vale"), "pão" (ou "vinho"). Inclusive nos passeios dos presidiários pelo pátio da cadeia, com frequência "diálogo" é mencionado mais vezes do que, por exemplo, "merda", "foder" ou "a buceta de sua mãe". E, do mesmo modo, nos passeios vigiados dos internos em um manicômio, ou dos idiotas, está comprovado que "diálogo" é uma palavra pelo menos dez vezes mais frequente do que, por exemplo, "homem da lua", "maçã" (ou "pera"), "Deus" (ou "Satanás"), "medo" (ou "comprimidos"). Em um contínuo diálogo estão inclusos os três ou quatro camponeses que ainda restam, separados sempre por um dia de viagem, ou pelo menos são apresentados dialogando sem parar. E dialogando também são apresentadas as crianças, até na última imagem dos livros ilustrados que foram avaliados pelas autoridades competentes para fazer parte da biblioteca da escola.8

Porém, no limbo, o zumbido estrondoso e mentiroso do diálogo ainda não conseguiu acabar com o murmúrio vivo e verdadeiro da conversação.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Elaborado para o limbo a partir do capítulo segundo do Ferdydurke, de GOMBROWICZ (1984).

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Também para o limbo, trata-se de uma variação a partir de uma das peças do *Bestiário*, de Juan José ARREOLA. México: Joaquim Moriz, 1972.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> HANDKE, P. La perdida de la imagen, o por la sierra de Gredos. Madrid: Alianza, 2003, p. 108-109.

#### Mais animais

Fiéis ao espírito de toda aristocracia em decadência, as aves de rapina enjauladas ou encurraladas observam, a todo o momento, o protocolo. No registro dos poleiros noturnos, como em qualquer organismo oficial ou extraoficial, cada qual ocupa seu posto por rigorosa hierarquia. No alto, as águias tortas e de asas quebradas. Um pouco abaixo, os falcões de bicos sem corte e garras embotadas. Em seguida, os gaviões tristes e desplumados. E abaixo de tudo os abutres imundos rodeados de moscas. O mesmo que em qualquer grêmio ou corporação, seja de índole local, nacional, estatal ou internacional. Incluídas, naturalmente, as que têm a ver com isso que agora se chama "conhecimento".9

### Cantilenas

Nunca mais voltei a me encontrar com os homens menos possuídos por aquilo que levavam entre as mãos do que aqueles catedráticos e professores da Universidade; qualquer empregado de banco, sim, qualquer um contando as cédulas, umas cédulas que, além do mais, não eram suas, qualquer operário que estivesse asfaltando uma rua, em um espaço quente que havia entre o sol, acima, e o fervor do alcatrão, abaixo, davam a impressão de estar mais no que faziam. Pareciam dignitários cheios de serragem a quem nem a admiração [...], nem o entusiasmo, nem o afeto, nem atitude interrogativa alguma, nem a veneração, nem a ira, nem a indignação, nem a consciência de estar ignorando algo jamais lhes fazia tremer a voz, porque, melhor dizendo, se limitavam a ir soltando uma cantilena, a ir cumprindo com distintos expedientes, a ir medindo frases no tom de alguém que está antecipando um exame [...] enquanto lá fora, diante das janelas, se viam tons verdes e azuis, e depois escurecia: até que o cansaço do ouvinte, de um modo repentino, se convertia em relutância, e a relutância em hostilidade.<sup>10</sup>

### Zambraniana

Em um texto menor, mas muito formoso, que se chama A mediação do mestre, María Zambrano se refere ao instante que antecede o gesto de começar a falar em uma sala de aula. O mestre, diz Zambrano, ocupa seu lugar, pega talvez alguns livros da bolsa e os coloca diante de si e, justamente aí, antes de pronunciar qualquer palavra, o mestre percebe o silêncio e a quietude da classe, o que esse silêncio e essa quietude têm de interrogação e de espera, e também de exigência. Nesse momento, o mestre cala um instante e oferece sua presença ainda antes de sua palavra. E aí María Zambrano diz o seguinte: "Poder-se-ia medir, talvez, a autenticidade de um mestre por esse instante de silêncio que precede a sua palavra, por esse ter-se presente, por essa apresentação de sua pessoa antes de começar a dá-la de modo ativo. E ainda pelo imperceptível tremor que o sacode. Sem eles, o mestre não chega a sê-lo por maior que seja a sua ciência". 11 Antes de começar a falar, o mestre tremia. E esse tremor se deriva de sua presença. De sua presença silenciosa, nesse momento, e da iminência de sua presença no que vai dizer. Isso é, certamente, a voz, a presença no que se diz, a presença de um sujeito que treme no que diz. E por isso as aulas são, ou foram às vezes, ou poderiam ter sido, lugares da voz, porque nelas os alunos e os professores tinham que estar presentes. Tanto em suas palavras como em seus silêncios. Talvez sobretudo em seus silêncios.

<sup>10</sup> HANDKE, P. Ensaio sobre el cansancio. Madrid: Alianza, 2009, p. 13-14.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup>ZAMBRANO, María. La mediación del maestro. In: LARROSA, J.; FENOY, S. (Eds.), María ZAMBRANO: L'art de les mediacions (Textos pedagògics). Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 2002, p. 112.

<sup>9</sup> Ver nota 7.

### É isso

Entende-se agora que situar o educativo no lugar da experiência supõe um não e uma pergunta que é, ao mesmo tempo, uma abertura? Entende-se "o que não somos e o que não queremos"? E entende-se "com que cara continuar vivo"? Soa-lhes familiar isso de falar impunemente do que se ignora? Vocês já sabem que as posições discursivas do saber e do poder garantem a impunidade e também a imunidade. Carlos Skliar escrevia sobre isso dessa forma: "De certo modo somos impunes ao falar do outro e imunes quando o outro nos fala". 12 Lembra-lhes algo isso de falar sem uma só palavra ou um só pensamento próprio? O que seria dos professores, dos experts e dos pesquisadores se lhes pedissem que dissessem o que aprenderam, o que viveram, o que pensaram, e não o que lhes foi ensinado? Vocês sabem quem são esses que nunca acertam o alvo (como se houvesse um alvo), mas que, sem dúvida, estão tão satisfeitos com sua força? E as aves de rapina que guardam rigorosamente a hierarquia, vocês sabem onde elas habitam? e que linguagem falam (ou grasnam)? Já não estão fartos de palavras vazias, de palavras fetiche, de palavras palavreadas repetidamente, usadas como moedas falsas, até esvaziar seu sentido? Juan Gelman escrevia assim sobre isso: [...] "não queremos outros mundos que o da liberdade e esta palavra não a palavreamos porque sabemos, depois de muita morte, que se fala enamorado e não do amor, se fala claro, não da claridade, se fala livre, não da liberdade."13 Vocês escutaram alguma vez esses que falam como que antecipando um exame? esses aos quais a voz nunca muda e que nunca ficam de cara no chão? Vocês estiveram alguma vez numa classe ou numa conferência na qual nem o que fala, nem os que escutam estão presentes? É isso.

César Vallejo dizia assim: "Quero escrever, mas me sai espuma, / quero dizer muitíssimo e me atolo. / [...] Quero escrever, mas me sinto puma; / quero me laurear, mas me acebolo". La nisso estamos entre o laurel e a cebola, entre o puma e a espuma, entre o quero e o porém, nesse entre, nesse atoleiro.

### Falar contra as palavras

Um dos textos fundadores do que poderíamos chamar de a crítica da linguagem é a Carta de Lord Chandos, de Hugo Von Hofmmansthal, publicada em 1902. A carta está datada de 22 de agosto de 1603, e nela Lord Chandos descreve a seu amigo Francis Bacon os sintomas de uma estranha enfermidade: "as palavras abstratas, das quais a língua por lei natural deve fazer uso para trazer à luz do dia juízos de qualquer espécie, se decompunham na boca como fungos apodrecidos". Porém, o rastro dessa enfermidade atravessa o século XX e alcança dimensões de pandemia nessa sociedade que chama a si mesma do conhecimento, da informação e da comunicação. O que ocorre é que são poucos os que perceberam. E é a esses poucos a quem temos de escutar.

Na mesma cidade e na mesma época em que viveu Hofmannsthal, Karl Kraus também se havia dado conta de que a linguagem estava enferma, e de que sua podridão não

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup>SKLIAR, C. Fragmentos de experiencia y alteridade. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Eds.). Experiencia y alteridad en educación. Rosario, Argentina: Homo Sapiens, 2009, p. 147.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup>GELMAN, J. Bajo la lluvia ajena (notas al pie de uma derrota). In: GELMAN, J.; BAYER, O. *Exflios*. Buenos Aires: Legasa, 1984, p. 15.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup>VALLEJO, C. Poemas póstumos. In: Obra poética. Madrid: Archivos, 1988, p. 400.

<sup>15</sup> VON HOFMANNSTHAL, H. Una carta (De Lord Philip Chandosa Sir Francis Bacon). Valencia: Pre-Textos, 2008, p. 126. A edição que cito, muito formosa, contém seis respostas à carta (de José Luís PARDO, Stefan HERTMANS, Clément ROSSET, Esperanza LÓPEZ PARADA, Higp MÚGICA e Abraham GRAGERA), além de um prólogo de Claudio MAGRIS, um ensaio de Juan NAVARRO BALDEWEG e uma introdução de José MUÑOZ MILLANES.

era diferente da podridão geral. A corrupção linguística, pensava Kraus, está relacionada com a corrupção dos pensamentos e das consciências e, certamente, com a corrupção da sociedade e da cultura. E foi ele, que se considerava um continuador, um epígono, o herdeiro de uma fortuna destruída e dissipada, o habitante crepuscular da velha e arruinada casa da linguagem, o que "descobriu os vínculos entre um falso imperfeito de subjuntivo e uma mentalidade ignóbil, entre uma falsa sintaxe e a estrutura deficiente de uma sociedade, entre a grande frase oca e o assassinato organizado". 16 Em 1929, um jovem poeta comunista, Francis Ponge, percebeu, quando expôs suas razões para escrever: "Nosso primeiro estímulo foi, sem dúvida, o asco pelo que somos obrigados a pensar e a dizer, por aquilo no qual nossa natureza de homens nos obriga a tomar parte [...]. Uma única saída: falar contra as palavras". Em 1958, em relação com a aniquilação da linguagem produzida pelo nazismo, outro poeta, Paul Celan, um dos maiores, disse: "Restava a língua, sim, salvaguardada apesar de tudo. Pois teve então que atravessar sua própria falta de respostas, atravessar um terrível mutismo, atravessar as mil trevas profundas de um discurso homicida". 17 Em 1982, e depois de toda uma vida dedicada a combater a linguagem automática e automatizada do que nos faz dizer e do que nos faz pensar, Peter Handke escreveu assim: "De cada frase que passe por sua mente, perguntate: é esta realmente a minha linguagem". 18 Ao longo de sua obra, e falando do nacional-catolicismo espanhol, disse, de

muitas maneiras e em muitos lugares, Juan Goytisolo: "A negação de um sistema intelectualmente opressor começa necessariamente pela negação de sua estrutura semântica", ou "Todo espanhol se viu obrigado a pensar ou pelo menos a falar e escrever conforme certas fórmulas e princípios estabelecidos [...]. A linguagem deverá ser recunhada e polida antes que possa circular como moeda genuína", ou "Cada palavra de teu idioma te estende uma armadilha: adiante aprenderás a pensar contra tua própria língua". 19 Também Antonio Gamoneda havia notado a corrupção linguística do franquismo e disse em 1977: "Quem fala ainda ao coração abrasado quando a covardia pôs nome a todas as coisas?".20 Em 1988, e em um romance que, como a maioria dos seus, descreve a aniquilação linguística e cultural produzida pelo totalitarismo comunista, o escritor albanês Ismail Kadaré estabeleceu assim as fases da destruição: "A primeira, a eliminação material da rebelião; a segunda, a eliminação da ideia de rebelião; a terceira, a erradicação da cultura, da arte e dos costumes; a quarta, a extinção ou mutilação da língua, e a quinta, a extinção ou debilitação da memória". 21 Em relação a essa redução da linguagem a instrumento de comunicação, junto com seus ideais de eficácia e de transparência, o filósofo José Luís Pardo disse em 1996 que

> [...] há uma tentativa em marcha para livrar a linguagem de sua incômoda densidade, uma tentativa de apagar das palavras todo sabor e toda ressonância, a tentativa de impor pela violência uma linguagem lisa, sem manchas, sem sombras, sem rugas, sem corpo, a língua dos deslinguados, uma língua sem outro na

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> A citação, de Erich HELLER, é tirada de um texto do poeta venezuelano Rafael CADENAS, intitulado "Karl Kraus" e incluído em sua *Obra entera*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 594.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup>Tanto a citação de PONGE como a de CELAN foram tiradas do magnífico texto de Miguel CASADO, "Hablar contra las palabras. Notas sobre poesia y política". In: *Deseo de realidad*. Oviedo: Ediciones de la Universidad de Oviedo, 2006.

<sup>18</sup> HANDKE, P. Historia del lápiz. Barcelona: Península, 1991, p. 50.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> As citações são do livro de CARRIÓN, J. Viaje contra espacio. Juan Goytisolo y W. G. Sebald. Madrid: Iberoamericana, 2009.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup>GAMONEDA, A. Lápidas. In: Esta luz. Poesia Reunida. Barcelona: Galaxia Gutemberg, 2004, p. 293.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup>KADARÉ, I. El nicho de la verguenza. Madrid: Alianza, 2001, p. 145.

qual ninguém escute a si mesmo quando fala, uma língua despovoada.<sup>22</sup>

Outro filósofo, Miguel Morey, disse em 2001 numa carta que dedicou a sua filha e a todos os que, como ela, completaram 18 anos nesse ano:

[...] ninguém pode se pôr a salvo do modo como a linguagem nos desenha os contornos de tudo aquilo do qual podemos ter experiência. Vivemos segundo a linguagem que temos a nossa disposição [...]. Por isso é tão terrível que as palavras morram, que as matem, que pertençam cada vez mais a um inimigo cego, surdo e mudo diante do peso do mundo, como se fossem um território ocupado. Porque quando as palavras morrem, irremediavelmente, os homens adoecem.<sup>23</sup>

E poderíamos multiplicar os dados, os testemunhos, os matizes.

Mas sempre o mesmo motivo: a linguagem recebida é impronunciável, e o mundo que nos apresenta é inabitável, e uma coisa não vai sem a outra, e só uma consciência desprezível e submissa pode falar essa linguagem e habitar esse mundo sem problemas. Uma linguagem podre é o sintoma de um mundo podre e de umas formas de vida podres. Porém, a nós essa linguagem nos provoca asco e a sentimos como uma armadilha, e sabemos que é o que impõem os poderosos, os opressores e os covardes, a linguagem do inimigo. E por isso não podemos senti-la como nossa, porque foi arrasada, aplainada, alisada, mutilada, simplificada, desumanizada, porque foi convertida em uma linguagem de deslinguados, em uma linguagem de ninguém e sem ninguém e para ninguém. E

por isso sentimos que ficamos sem palavras, e nos sentimos mudos. E para imaginar a possibilidade de falar, temos que reinventá-la, ressemantizá-la, dar-lhe um novo rigor, um novo sentido, para que possa continuar dizendo, dizendo-nos.

## Entre o já não e o ainda não

A carta de Lord Chandos termina assim:

[...] porque a língua em que talvez me fosse dado não só escrever, mas também pensar, não é o latim, nem o inglês, nem o italiano, ou o espanhol, e sim uma língua de cujas palavras nem sequer uma só me é conhecida; uma língua na qual as coisas mudas me falam e na qual, talvez um dia na tumba, terei que prestar contas a um juiz desconhecido.<sup>24</sup>

A língua recebida já não nos serve, nos provoca nojo, e aquela na qual talvez pudéssemos dizer alguma coisa, não a temos ainda. Porém aí estamos, nesse intervalo, e continuamos insistindo.

### Uma estranha enfermidade

A enfermidade de Lord Chandos é, na realidade, uma enfermidade da linguagem. As palavras apodrecem. Quando nos vêm à boca, antes de dizê-las, as tocamos com a ponta da língua e elas se decompõem como fungos apodrecidos, e já não podemos pronunciá-las sem asco. E aí começa a estranheza, nessa sensação de repugnância por uma linguagem que é a nossa, a que existe, a única que temos. Porque, para sentir que a linguagem está podre, ou que a apodreceram, é preciso ter língua. Por isso Lord Chandos se sente doente:

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup>PARDO, J. L. Carne de palabras. In: FERNÁNDEZ QUESADA, N. (Ed.); VALENTE, J. A. Anatomía de la palabra. Valencia: Pre-Textos, 2000, p. 190.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup>MOREY, M. Carta a uma princesa. In: Pequeñas doctrinas de la sociedad. México: Sexto Piso, 2007, p. 433-434.

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup>VON HOFMANNSTHAL, H. Una carta (De Lord Philip Chandos a Sir Francis Bacon). Valencia: Pre-Textos, 2008, p, 135.

porque ainda tem língua, porque ainda é capaz de sentir, em sua língua, o sabor apodrecido da língua, porque ainda tem uma língua com a qual saboreia as palavras e as frases antes de dizê-las, porque ainda tem uma língua com a qual sentir asco. Como diz José Luís Pardo:

Para ter acesso à linguagem, temos que falar uma língua, e falá-la a partir de dentro, com nossa própria voz e com nossa própria língua. E ela faz com que as palavras nos deixem um resíduo na ponta da língua, um sabor de boca (doce ou amargo, bom ou mau), o que elas nos fazem saber (nos dão a saborear).<sup>25</sup>

Por isso, embora a linguagem tenha apodrecido, a maioria das pessoas não se dá conta, não sente náuseas e não se sente doente: porque perderam a língua, porque não têm, ou nunca tiveram uma voz própria, uma língua própria, porque só assim, sem língua, podem falar sem nojo uma língua apodrecida.

Repassemos os sintomas e o progresso dessa enfermidade. Para Lord Chandos, primeiro se tornam impossíveis as grandes palavras, essas que são tão abstratas, tão gerais, tão solenes, tão mentirosas, tão grandiloquentes e tão vazias. Talvez perceba que já não querem dizer nada, de tão vaidosas e de tão soberbas. Em segundo lugar, se tornam impossíveis para ele os juízos sobre temas gerais, sobre os assuntos da corte e do parlamento, sobre tudo aquilo que, segundo essa artificiosa construção chamada "atualidade", deveria ser importante. Talvez perceba o que esses julgamentos e essas opiniões têm de precipitados, de artificiais, de convencionais. Talvez sinta aí a língua sem língua dos jornalistas, dos experts, dos políticos e dos funcionários, dos que fabricam o presente, dos "atuais", dos donos da "atualidade". Em terceiro lugar, se tornam impossíveis para ele também os juízos banais, esses que se acontecem automaticamente e sem pensar nas conversações de todos os dias. Tudo isso lhe produz mal-estar, nojo, cólera, ansiedade, angústia. Porque lhe parece falso, oco e sobretudo simplificador. O real é infinito e, sobretudo dinâmico, caótico e fragmentado, e sempre inunda qualquer pretensão da linguagem em abarcá-lo, unificá-lo, fixá-lo, simplificá-lo, compreendê-lo e ordená-lo.

A enfermidade de Lord Chandos consiste em ele sentir que a linguagem apenas é capaz de captar o real. Mas o que ocorre é que essa linguagem, em sua arrogância e sua autossuficiência, não sabe disso. E por isso se separou irremediavelmente do real, já não serve para nomear o que somos nem o que nos acontece, já não nos permite distinguir, ordenar, classificar e determinar o que há, já não é capaz de dar conta de nossas relações com os demais, com nós mesmos e com o mundo em que vivemos, já não é capaz, definitivamente, de dizer a verdade. Então, a linguagem fabrica um mundo a sua medida, um mundo que já não é um mundo, e sim uma armação, ou uma jaula, ou um armário, ou um esquema ao qual tudo o que existe se submete ou deveria se submeter. Por essa razão, quando isso ocorre, quando Lord Chandos toca com a ponta de sua língua essa falsidade da linguagem habitual, da linguagem costumeira, as palavras se libertam, ganham vida própria e se tornam perigosas: "As palavras, uma a uma, flutuavam livres ao meu redor: se coagulavam em olhos que me fitavam fixamente e aos quais eu devo devolver o mesmo olharfixo: são redemoinhos que me dão vertigem ao contemplá-los, que giram sem cessar e através dos quais se alcança o vazio".26

Descrevendo a seu amigo Francis Bacon os sintomas de sua enfermidade, Lord Chandon conta um episódio especialmente significativo. A ponto de repreender uma mentira de sua filha de quatro anos, a ponto de dizer a ela que é preciso falar sempre a verdade, Lord Chandos não pode evitar parar para pensar no que vai dizer. Então, todo um fluxo de

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup>PARDO, J. L. La intimidad. Valencia: Pre-Textos, 1996, p. 52-53.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup>VON HOFMANNSTHAL, 2008, p. 128.

ideias lhe passa instantaneamente pela cabeça, e, do mesmo modo que lhe acontece com as palavras, que se automatizam e se tornam quase físicas, as ideias se fundem umas com as outras de maneira que se torna impossível para ele terminar a frase. Como se um gesto aparentemente tão simples, o de dizer a uma menina que é preciso ser sempre verdadeira, se tornasse de repente tão complexo, tão infinito, tão cheio de matizes, que a proposição se torna impronunciável. E isso simplesmente porque se pensa. Quem poderia dizer, se pensa por um momento, que é preciso ser sempre verdadeiro? O que quer dizer "verdadeiro"? E sobretudo o que quer dizer "sempre"? É possível a verdade? É possível um mundo, uma convivência na qual sempre se diga a verdade? As ideias começam a fluir, a se associar, a proliferar, a se contradizer. E não nos resta outro remédio, como acontecia com Lord Chandos, do que sair a cavalo para acalmar a angústia, para tratar de voltar a esse mundo singelo e habitual no qual frases como essas podem ser ditas automaticamente, sem pensar. O problema de Lord Chandos não é dizer o que pensa (esse é o problema banal da liberdade de expressão, da "opinionitis" generalizada, da conversação e do tumulto universais, o problema, definitivamente, dos deslinguados), e sim algo muito mais complicado: pensar o que diz. Ou, em outras palavras, sentir que pode estar presente no que diz.

Talvez por isso, o que ocorre a Lord Chandos não é que não entenda as palavras ou as ideias (seu problema não é, de modo algum, o da compreensão), e sim que não pode situá-las em relação a si mesmo:

Compreendia bem os conceitos: via alçar-se diante de mim suas combinações maravilhosas como majestosos mananciais que jogam com bolas de ouro. Podia lhes dar a volta e ver como jogavam entre si; mas estavam relacionadas apenas umas às outras, e o mais profundo, o pessoal de meu pensamento, ficava

excluído de seu círculo. Sobreveio-me entre elas um sentimento de espantosa solidão.<sup>27</sup>

Lord Chandos compreende a linguagem, compreende o pensamento, é capaz, inclusive, de admirá-lo, mas o sente alheio, como um jogo elegante, vazio e autocontido, como se não tivessem relação com ele, com o que há nele de mais profundo e de mais pessoal. E então se sente só. Separa-se desse mundo normalizado do social, do coletivo, do habitual e do acostumado no qual se pode falar e pensar automaticamente, ou se ja, no qual se pode falar sem língua e pensar sem pensamento.

### O normal e o patológico

A enfermidade de Lord Chandos se deriva daí: de que ainda tem língua com a qual tocar e saborear as palavras antes de dizê-las (e por isso elas se decompõem em sua boca como fungos apodrecidos), de que ainda pensa no que diz e trata de estar presente nisso (e por isso, as ideias se interrompem, se quebram e se desordenam nele, antes que consiga terminar de formulá-las) e de que já abandonou, irremediavelmente, qualquer forma de comunidade (e por isso ficou excluído do círculo). Os aparentemente sãos, portanto, os normais e normalizados, serão deslinguados, os que não param para pensar, os que falam e pensam automaticamente, gregariamente, os homens e as mulheres do rebanho, os que não podem viver senão no asilo das corporações, dos agrupamentos, das instituições, dos coletivos.

### Textos transpassados por outros textos

Há uma curiosa versão contemporânea da enfermidade de Lord Chandos.<sup>28</sup> Seu protagonista é Simon, um psicólogo

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup>VON HOFMANNSTHAL, 2008, p. 128.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup>EMMANUEL, F. La cuestión humana. Madrid: Losada, 2002. Levado ao cinema em 2007, com o mesmo título, por Nicholas Klotz, com roteiro de Elisabeth Perceval.

do departamento de recursos humanos na sede francesa de uma multinacional alemã. Suas tarefas são a motivação dos empregados e a seleção de pessoal ou, em outras palavras, o ajuste ótimo entre os trabalhadores e a produção. Um dos altos executivos da empresa o encarrega de uma pesquisa de caráter profissional sobre a "saúde mental" do diretor-geral, um tal de Mathias Jüst. A partir daí Simon irá averiguando coisas sobre a relação que os alto executivos tiveram com o nazismo (todos eles viram ou ouviram contar algo que, de alguma maneira, implicava seus pais com o maquinário da morte) e sobretudo será testemunha e vítima de uma enfermidade da linguagem que solapa a segurança, as certezas e a estabilidade intelectual e emocional de todos os que são contagiados por ela.

As manifestações da enfermidade consistem em uma sensibilidade aguçada em relação ao modo como a linguagem técnica da empresa está contaminada pela linguagem técnica do nazismo ou, mais precisamente, com o modo como a própria definição dos "problemas" e das "soluções" que têm a ver com a otimização da produtividade da empresa (a forma de conjugar o fator humano com as necessidades econômicas) exige o uso de um vocabulário e de uma gramática tomados do tratamento nazi do "problema judeu" e da "solução final".

Existe, primeiro, um informe técnico sobre as cifras de produção, dados de pessoal e projetos de futuro em que faltam algumas palavras. Como se seu redator, Matias Jüst, houvesse lutado contra a emergência de uma série de termos técnicos dos quais só ele percebia a origem, e isso tivesse dado como resultado um texto perfurado, transpassado, cheio de espaços em branco deixados pela ausência das palavras impronunciadas ou impronunciáveis.

Além do mais, há cinco cartas anônimas encontradas na caixa forte do senhor Jüst. A primeira delas é um fac-símile de uma nota técnica sobre o funcionamento e as possíveis modificações dos caminhões especiais desenhados para matar os judeus durante o transporte, utilizando dióxido de

carbono produzido pelo motor do caminhão. Na segunda delas o documento anterior está sobreimpresso em uma série de fragmentos cortados e desordenados de notas técnicas da empresa. Na terceira carta, os dois textos anteriores têm o mesmo valor tipográfico e estão estranhamente mesclados produzindo um texto absurdo mas gramaticalmente correto. Quando Simon isola as passagens intrusas, percebe que não pertencem à linguagem tecnológica da engenharia, e sim àquela que se emprega nos serviços de pessoal e de organismos diretivos da empresa. Na quarta, alguns fragmentos do texto inicial estão colocados em uma partitura musical, concretamente a do segundo movimento de um quarteto de cordas de César Frank. A quinta e última carta contém um texto apagado, exceto algumas palavras como instruções, segurança, funcionamento, limpeza, observação, avaliação, etc. e a seguinte anotação introduzida à mão: "Não ouvir. Não ver. Lavar infinitamente a sujeira humana. Pronunciar palavras limpas. Que não manchem. Expulsão. Reestruturação. Reinstalação. Reconversão. Deslocalização. Seleção. Evacuação. Despedida técnica. Solução definitiva. A máquina de morte está em marcha".29

Por último, há duas cartas enviadas a Simon. A primeira está construída com frases extraídas de um manual de psicologia laboral, mas cujos termos técnicos, em sua nova organização, revelam outra procedência muito mais maligna. Na segunda, esse primeiro texto aparece como invadido e devorado por fragmentos tomados de um programa nazista de erradicação de doentes mentais.

Ao longo do relato, a enfermidade do senhor Jüst, essa enfermidade produzida pela sensibilidade à contaminação nazista da linguagem (ao modo como essa língua apodrecida pela violência e pelo assassinato atravessa as formas de racionalidade da biopolítica contemporânea, a linguagem

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup>EMMANUEL, 2002, p. 68.

da gestão racional dos indivíduos e das populações no capitalismo pós-industrial) da qual pouco a pouco Simon vai se contagiando. E isso até fazê-lo duvidar das palavras que antes lhe eram familiares e que usava sem problemas, de sua escolha profissional e, em geral, no sentido de seu trabalho. Simon se percebe incapaz de terminar um dossiê rotineiro de seleção, já não suporta os seminários com os empregados, perde a capacidade de intervir com naturalidade nas discussões. E isso, como em Lord Chandos, acompanhado de uma turbação, um mal-estar e uma angústia físicas, corporais.

Como diz Arie Neuman no monólogo final do filme, a linguagem é o método mais eficaz de propaganda porque se introduz em nossa carne e em nosso sangue. E assim funciona a linguagem dos especialistas, decompondo o real em temas, convertendo-o em uma série de problemas técnicos, de fórmulas fragmentadas e neutras, de maneira que se possam obter soluções eficientes. E assim vai se formando uma linguagem feita de "palavras vazias de significado, uma linguagem neutra, neutral, invadida por palavras técnicas que gradualmente absorvem sua humanidade". E isso é precisamente o que, em sua progressiva inquietação, vai aprendendo Simon. Pouco a pouco, sua língua se torna capaz de sentir o cheiro da violência e do assassinato que tem a linguagem que, antes, mane java com total naturalidade. Pouco a pouco se vê obrigado a pensar no que diz, em cada palavra, em cada frase, e isso faz com que perca a fluidez, que não seja capaz de terminar seus relatórios, seus argumentos, suas teses, que já não sinta suas ideias tão seguras e asseguradas como as sentia antes. Além disso, na medida em que a enfermidade avança, Simon vai se sentindo cada vez mais só.

Mas não só a linguagem está contaminada. O horror nazista contamina também as artes. A mesma música está manchada, e a sala de concertos não pode manter fechada a porta atrás da qual a máquina da morte funciona a pleno vapor. Por

isso Jüst, que havia sido um violinista aficionado e obsessivo, não só não suporta a linguagem da racionalidade empresarial, como também se tornou incapaz de suportar a música.

Uma vez que a enfermidade ataca a linguagem, e esta perde sua antiga segurança, já não se pode continuar falando com o automatismo do hábito e do costume, uma vez que as palavras limpas e neutras deixam de sê-lo e se decompõem em sua boca como fungos apodrecidos, nada pode nos manter a salvo. E a sociedade se apodera delas.

O pai de Mathias Jüst infligia a seu filho uma só palavra, Arbeit, que significa trabalho, mas também função, atividade, dever. Porém, quando as palavras ligadas à função deixam de protegê-la, aparece outra palavra, Schmutz, que significa sujeira, mancha, imundície, mas também merda, como a merda a cu ja rápida, cômoda e eficaz limpeza se refere a epígrafe 4 do relatório sobre os caminhões. Jüst não pode se manter distante da merda, desse resto humano do assassinato. Do mesmo modo que Simon tampouco pode se manter a salvo desses sonhos nos quais alguém abre a porta da sala de concertos e aí, fora dela, aparece o montão de cadáveres emaranhados, mesclados com essas palavras neutralizadas e esvaziadas de humanidade que os tornaram possíveis. E, ao final, tanto Jüst como Simon ficam isolados, separados do círculo, em uma espantosa solidão. Jüst internado em um sanatório psiquiátrico, e Simon, como ele mesmo diz, "nas margens do mundo", trabalhando em um estabelecimento para meninos autistas.

### Problemas e soluções

As artes modernas do Governo e da Administração fabricam o real a partir do par problema/solução. Constroem o social como o lugar dos problemas e o político como o lugar das soluções. E assim distribuem os papéis entre a sociedade e a política. Qualquer coisa que acontece na sociedade deve ser convertida em problema que

os políticos têm que resolver, com a ajuda, naturalmente, dos experts e dos funcionários. A obrigação mais calorosa dos políticos, dos experts e dos funcionários é, sem dúvida, resolver os problemas que a sociedade lhes delineia. Basta abrir os jornais para encontrar essa linguagem: o problema das jubilações, o problema do desemprego, o problema da insegurança, o problema da emigração, o problema da infância em perigo social, e a lista é infinita. O exemplo paradigmático de uma gestão racional do social é, certamente, o que aconteceu entre a delimitação do "problema judeu" e o desenho e a aplicação da "solução final". O pior é que é impossível sustentar esse esquema falaz e perverso. Não passamos a vida assinalando problemas e pedindo soluções. Não nos damos conta de que, muitas vezes, nós mesmos somos o problema. E aí estamos: completamente capturados. E esta nossa civilização é desprezível, cara. E esta nossa civilização é uma merda, cara.30

### Dicionário do limbo<sup>31</sup>

Academia. Originalmente, um bosquezinho no qual os filósofos tratavam de entender a vida. Hoje em dia, uma escola onde alguns imbecis passam a vida tratando de entender os filósofos. A classe mais degradada desses imbecis já não lê os filósofos e sequer trata de entender nada. São os novos amos, trabalham para o governo e chamam a si mesmos de experts e investigadores.

Cínico. Sem-vergonha cu ja visão defeituosa o faz ver as coisas como são e não como as pintam. Por isso, antes de se dedicar à investigação ou ao ensino é conveniente arrancarlhes os olhos.

Conhecimento. Tipo de ignorância de que as raças civilizadas e altamente escolarizadas gostam. Em nossa época tecnológica e mercantilizada, a esse tipo de ignorância se dá o nome específico de informação.

Erudição. Nas épocas remotas em que ainda se lia, a erudição era um pó fino e pegajoso que se levantava dos livros e que os professores introduziam nos crânios ocos dos estudantes. Agora que não se lê, chamamos a esse pó viscoso de informação. Seus produtores máximos, como vocês sabem, são os experts e os pesquisadores.

Fadiga. Estado de alunos e professores depois de haverem feito todos os deveres. A fadiga se converte em mau humor quando, graças às reformas educativas locais, autônomas, nacionais e internacionais, cresce o volume, a inutilidade e a estupidez dos referidos deveres. Por isso a fadiga se estende, oceânica, desde o jardim da infância até a pós-graduação e mais além.

Fé. Crença em que os políticos, os experts, os policiais, os professores, os jornalistas, os pesquisadores e os funcionários estão aí para melhorar nossas vidas Por isso se diz que a fé é cega.

Filisteu. Indivíduo que segue a moda no pensamento, na linguagem, nas emoções e nos sentimentos. Costuma ser próspero, limpo, exibido, educado e quase sempre solene. Costuma fazer carreira como jornalista, como político, como expert, professor ou como funcionário.

# A força do real

Porém há algo mais nessa estranha anomalia de Lord Chandos, uma consequência talvez inevitável de seu afastamento radical da linguagem dos deslinguados: uma extrema sensibilidade às manifestações da vida. Qualquer coisa que passaria normalmente ignorada e despercebida, que apenas chamaria a atenção, se apresenta a ele com uma força terrível. Um cachorro ao sol, um ancinho esquecido podem ser origem

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup>Elaborado no limbo a partir de MILNER, J. C. Las inclinaciones criminales de la Europa democrática. Buenos Aires: Manantial, 2007.

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup>Elaborado a partir do Dicionário do diabo, de Ambrose Bierce.

de uma revelação. Uns ratos que morrem envenenados na adega de sua casa penetram em seu espírito com tal intensidade que sente, não só piedade e compaixão, sentimentos que ainda o manteriam em uma relação de exterioridade com elas, mas sim uma verdadeira participação em sua agonia e em sua morte. Um escaravelho em um regador lhe causa os maiores estremecimentos. Não só os animais mais insignificantes, como também as coisas mais ordinárias "se elevam até mim com uma plenitude tal, com uma presença de amor tal, que meus olhos ditosos são incapazes de detectar nenhum ponto morto ao meu redor [...] e não há nenhuma só entre as matérias que o compõe na qual não seja capaz de me transvasar". 32

Tudo está vivo para Lord Chandos e, ainda mais, em tudo se sente partícipe, como se pudesse identificar sua própria vida com a vida de tudo o que existe, como se tudo pudesse entrar nele e ele mesmo pudesse entrar em tudo, confundir-se com tudo. Como se, ao abandonar essa linguagem que coisifica e separa, essa linguagem que nos faz sujeitos na medida em que converte em objetos a tudo o que nos rodeia, essa linguagem que só nos permite ser nós mesmos ao preço de nos arrancar do mundo, Lord Chandos tivesse perdido essa distância que protege e assegura, essa distância que nos dá um lugar confortável, um lugar onde o real foi, por fim, dominado e domesticado, mas ao preço da indiferença, de que nada nos toque. E o que ocorre a Lord Chandos é que o real o ataca, e aborda, e alcança, e penetra. E não pode dominá-lo de tão presente, de tão vivo. E nada pode protegê-lo do êxtase, da queda fora de si. As palavras não lhe dizem nada, não penetram em seu interior, se mantêm alheias, mas a terrível presença do real lhe fala com uma linguagem que não é uma linguagem e que lhe penetra e lhe coloca em contato com a vida até dissolvê-lo nela.

#### 32 VON HOFMANNSTHAL, 2008, p. 131-132.

# Experiência

Fazer uma experiência com algo – seja uma coisa, um ser humano, um deus – significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos derruba e nos transforma. Quando falamos de "fazer" uma experiência, isto não significa exatamente que nós a façamos acontecer, "fazer" significa aqui: sof rer, padecer, agarrar o que nos alcança receptivamente, aceitar, na medida em que nos submetemos a isso.<sup>33</sup>

#### Cair no rio

J. M. Coetzee termina um de seus romances com outra carta, a que Lady Elizabeth, esposa de Lord Chandos, escreve a Francis Bacon umas semanas depois da de seu marido. Nessa carta, a podridão da linguagem e o êxtase da vida são contados com outra alegoria: num moinho em desuso, as palavras são como as tábuas sob as quais passa a água, as que permitem nos mantermos em outro nível, seguro e garantido, enquanto o rio ruge e se encrespa sob nossos pés. Mas quando as tábuas apodrecem, se destroem e desmoronam, caímos irremediavelmente no abismo onde nos mesclamos com mil outras criaturas em uma corrente indiferenciada, móvel e caótica na qual estamos a ponto de nos afogarmos. Lady Chandos, contagiada pelo infortúnio de seu esposo, se pergunta como fazer para "viver com ratos e cachorros e escaravelhos correndo por minha pele dia e noite, afogando-me e arfando, arranhando-me, tirando de mim, pressionando-me cada vez mais...".34

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup>HEIDEGGER, M. La esencia del habla. In: De caminho al habla. Barcelona: Serbal, 1987, p. 143.

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup>COTZEE, J. M. Carta de Elizabeth, Lady Chandos a Francis Bacon. Epilogo a *Elizabeth Costelo*. Barcelona: Debolsillo, 2005, p. 233.

Talvez seja também isso, que existe uma linguagem que é feita para que não caiamos, para que nos mantenhamos afastados, para que possamos permanecer tranquilamente em um lugar a salvo, no qual os ratos e os cachorros e os escaravelhos, e a morte e a desolação e a falta de sentido não nos toquem, não nos derrubem, não ponham em perigo nossas pequenas certezas, nossas míseras seguranças, nossos esquemas mediocres, esses que nos dão a vida ordenada, classificada, simplificada, desativada, desvitalizada, dissecada e, no fundo, inofensiva.

Por isso a enfermidade de Lord Chandos supõe também que o que poderíamos chamar de "ex-posição", outro nome para a experiência, para o sujeito da experiência. A falência da linguagem implica para ele a falência de qualquer posição na qual poderia se manter a salvo, na qual poderia falar e pensar sem perigo, a partir da qual poderia se opor ou se impor a uma realidade distinta. E ao perder essa posição, ao perder o pé, o real o afeta de uma forma terrível, se converte em uma inevitável doença.

### Colado à linguagem

Além disso, na carta, Elizabeth constantemente coloca entre aspas o que acaba de dizer porque supõe que a linguagem com a qual ela, em sua carta, como também seu marido na dele, tentam explicar a Francis Bacon sobre sua anomalia e sobre sua desventura, é uma linguagem inevitavelmente alegórica, uma linguagem que lhes faz dizer sempre uma coisa em lugar de outra: "As palavras se desmoronam sob os pés de uma pessoa como tábuas podres ('como tábuas podres', digo outra vez, não posso evitar, não sei se quero fazê-lo entender minha preocupação e a de meu marido: digo 'fazê-lo entender', mas o que é entender, o que quer dizer?".<sup>35</sup> Porque Lady Chandos sabe muito bem que a experiência, a experiência real e viva, isso que José Luís Pardo chamou de "intimidade", sempre é outra coisa, sempre está em outro lugar, sempre é algo diferente do que dizemos ou do que somos capazes de dizer, é, de alguma maneira, intraduzível à linguagem. Mas isso não significa que não a digamos, que não está, de alguma maneira, na linguagem. O que acontece é que a intimidade (a maneira singular como Elizabeth vive ou sente ou experimenta essa particular estranheza que é ela própria) não está no explícito ou no informativo da linguagem (aí sempre é outra coisa), embora isso não signifique que seja indescritível ou incomunicável.

A linguagem, como disse Pardo, comunica a intimidade em

[...] uma conversação na qual o importante não é o que se diz (ou o que se faz ao dizer) e sim o que se quer dizer, não o poder das palavras e sim sua impotência. Que isso não seja informação (nem possa sê-lo) não significa que não seja linguagem; ao contrário, isso que não se pode — e sim que se quer — dizer é precisamente o que se comunica implicitamente quando se fala [...]. A conversação íntima é aquela na qual alguém participa não para se informar de algo que outro sabe ou para fazer algo a outro, e sim para ouvir como soa o que outro diz, para escutar mais a música do que a letra, para saborear sua língua.<sup>36</sup>

Por isso a experiência de Lord Chandos (essa à qual deveríamos prestar atenção) não está no que diz, e sim está

<sup>35</sup>COTZEE, 2005, p. 232.

<sup>36</sup>PARDO, 1996, p. 117-118.

como que costurada ou colada ao que diz, como esse segredo que o discurso transmite em seus silêncios (não se trata de compreender o que diz e sim o que cala no que diz) e em suas alusões (aquilo ao qual enfatiza no que diz). Por isso, "cada palavra dita sempre quer dizer mais do que diz e nunca pode dizer tudo o que queria". Porém, nisso está justamente sua força.

Daí que o importante não seja procurar averiguar o que há por trás das palavras de Lord Chandos (que é o que significam, a que se referem, a que tipo de enfermidade ou de experiência remetem, que estão nos dizendo ou de que nos estão informando), mas sim que há adiante, até onde se dirigem, de que maneira podem encarnar em nós (que somos carne de palavras, também de palavras apodrecidas), o que é que podem mover ou mobilizar ou incitar ou suscitar em nós.

#### Mais dicionário38

Impostura. Profissão dos políticos, ciência dos experts, opinião dos jornalistas e religião dos pregadores.

Independente. Pessoa com algum resto de amor próprio. Na política, na religião e na universidade, que são atividades corporativas e gregárias, esse é um termo claramente depreciativo.

Lacaio. Em sentido estrito, criado com libré. Aplicar essa palavra a políticos, jornalistas, experts, universitários e funcionários é um insulto que os honrados serventes não merecem.

Leitura. Conjunto do que se lê. Como na escola e na universidade, em vez de ler, se busca a informação, a leitura

ascendeu para a categoria de inútil, passou à clandestinidade, e desde logo só se pratica no limbo e seus limites.

Monólogo. Atividade de uma língua que carece de ouvidos. Como a dos jornalistas, dos políticos, dos *experts* e dos funcionários. Ultimamente, também foram detectadas muitas línguas sem ouvidos entre as autoridades acadêmicas das universidades catalãs.

Néscio. Pessoa que invade todos os domínios de todas as atividades intelectuais e morais. É oniforme, oniperceptivo, onisciente e onipotente. Já era visto nos alvores da criação, mas desde então não deixou de se divertir. Seus representantes mais notáveis no mundo de hoje são os políticos, os jornalistas, os funcionários e os experts. O pior é que quando todos tenhamos nos recolhido na noite do esquecimento, ele tomará corpo e escreverá a história da humanidade. E a escreverá à sua imagem e semelhança.

Passado. Mínima fração de uma parte da eternidade da qual temos um escasso conhecimento, embora acreditemos que o compreendemos todo. Uma linha em movimento perpétuo chamada Presente o separa de um período imaginário chamado Futuro. Em geral, o Passado está obscurecido pela desilusão e pela dor enquanto o Futuro reluz com as cores da felicidade e da alegria. Chama-se de progresso essa maneira estúpida de pintar o tempo e, na atualidade, é uma mercadoria de baixo custo que nos vendem os políticos, os experts, os jornalistas e os funcionários para justificar sua posição no mundo. Porque eles, não esqueçam, são os senhores.

# Afinar o ouvido

A enfermidade de Lord Chandos é exemplar porque nos ajuda a sentir (com nossa língua) as misérias do presente, as formas com que neste nosso mundo se procura assegurar

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup>PARDO, 1996, p. 122.

<sup>38</sup> Ver nota 31.

uma saúde feita de estupidez e indiferença. Falarei sobre isso muito brevemente. Trata-se, em primeiro lugar, de todos os dispositivos que nos fazem falar e ler e escrever em uma linguagem de ninguém e que a ninguém se dirige: na língua dos deslinguados, na língua neutra e neutralizada dos que não têm língua, nessa língua na qual é melhor não estar presente no que se diz, no que se lê, no que se escreve, em uma língua reduzida à informação e à comunicação. Trata-se, em segundo lugar, de todos os dispositivos que fazem com que se ja impossível parar para pensar no que se diz, ou no que se lê, ou no que se escreve: os que nos dão uma língua sem atenção, sem detenção, sem pensamento, uma língua própria, não de indivíduos e sim de grupos, de coletivos, de instituições, de corporações, de todos esses lugares nos quais só se pode falar como está determinado, a língua dos políticos, dos experts, dos jornalistas, dos funcionários, a língua da opinião, do saber e do poder. E trata-se, em terceiro lugar, de todos os dispositivos que constroem e mantêm os lugares e as posições bem seguros e separados, os que tornam impossível a exposição, os que fazem com que nada nos afete, com que nada nos aconteça. É essa língua a que nos dá nojo. Mas não para apelar a uma renovação, e sim para nos manter em suspenso, para tratar de manter o ouvido apurado em uma época, como todas, de indigência.

## A inquietude e o desassossego

O desassossego é uma enfermidade da identidade que tem a ver com a alma e com a relação que temos com o tempo. A inquietude, contudo, começa no cérebro e mina nossa relação com o espaço, destruindo sua familiaridade e suas certezas, e convertendo-o em asfixiante. Os místicos e os poetas cultivam o desassossego. Mas a inquietude per-

tence sobretudo às crianças e aos viajantes. Um dos sintomas da inquietude poderia se chamar de: nostalgia dos espaços abertos. Quando isso ocorre, a pergunta essencial não é a inofensiva e narcisista "quem sou?", e sim a perturbadora e perigosa "o que faço aqui?" Por isso aqui, no limbo, o principal não é interrogar o que somos, e sim onde estamos. E isso para partir imediatamente.<sup>39</sup>

### Respirar

No Primer Manifiesto Surrealista, o de 1924, André Breton escreve o seguinte: "a experiência está confinada em uma jaula, em cujo interior dá voltas e voltas sobre si mesma, e da qual cada vez é mais difícil fazê-la sair...". 40 A suspeita, naturalmente, é que nossa experiência do educativo só nos acontece mediada ou enquadrada ou enjaulada pelas operações de categorização, de tematização, de ordenação, de desierarquização, de abstração, etc., que constituem as lógicas de nossos saberes e de nossas práticas. Porém há algo, seja isso o que for, que está fora da jaula e não podemos senti-lo, ou dizê-lo, ou pensá-lo, a partir de uma experiência enjaulada. Talvez sejamos nós mesmos os que estamos enjaulados junto com nossa experiência, e damos voltas e mais voltas sobre nós mesmos, sem nenhum outro, sem nenhum exterior, sem nenhum acontecimento, sem nenhuma surpresa, sem nada distinto a nós mesmos (ou a nossas projeções, ou a nossos desejos, ou ao que já sabemos, ao que já pensamos, ao que já queremos...) que nos atinja,

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Elaborado para o limbo a partir de uma das ideias de Bruce CHATWIN extraída do livro de entrevistas com Antonio GNOLI, La nostalgia del espacio. Barcelona, Seix Barral, 2002.

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup>BRETON, A. Manifiestos del surrealismo. Madrid: Guadarrama, 1969, p. 25.

ou que nos aconteça, ou que nos enfrente. E talvez nossa vontade de viver tenha a ver às vezes com um dese jo de tirar a experiência da jaula, de fazê-la sair, de abri-la para o lado de fora, com um desejo de sairmos nós mesmos da jaula. A pergunta é agora "como sair daqui?" Trata-se de liberar a experiência, de fazê-la sair da jaula, de conseguir uma forma de liberdade, em suma, que tem a ver com o exterior, com o aberto: com o real que sempre é mais e outra coisa, que o outro sempre dá. Elías Canetti escreve isso da seguinte maneira: "A palavra liberdade serve para expressar uma tensão muito importante, talvez a mais importante de todas. Alguém quer sempre partir, e quando o lugar aonde quer ir não tem nome, quando é indeterminado e não se vê nas fronteiras, o chamamos de liberdade". E alguém quer partir porque se assixia, porque o lugar em que está se torna irrespirável para ele. Por isso, Canetti acrescenta que "a origem da liberdade está na respiração".41

# A linguagem e a realidade

Na enfermidade de Lord Chandos, o desmoronamento da linguagem é correlativo à presença terrível e ameaçadora da realidade, da vida, da realidade viva. Como se essa linguagem segura e assegurada que para nós já se converteu em fórmula e em clichê tivesse como função nos separar do real, da vida, e nos dar, em troca, uma realidade dissecada, falsificada, inanimada e morta, reduzida também ela à fórmula e ao clichê. Talvez por isso a palavra "realidade" seja uma das palavras favoritas dessa rede de jornalistas, políticos, *experts* e funcionários que se dedica a administrar a vida dos indivíduos e das populações. Como se o real

não fosse outra coisa que o objeto do saber e a presa do poder dos dispositivos biopolíticos de governo, ou seja, como se o real não fosse outra coisa que aquilo que deve ser conhecido e governado, uma projeção de nosso saber, de nosso poder e de nossa vontade. Porém, a realidade que nos é apresentada na experiência não tem nada a ver com isso, e deveríamos situar em outro lugar a relação entre língua e realidade.

Há um aforismo de Peter Handke que diz assim: "A transformação de faz necessária quando algo que era válido como real deixa de ser real; se se consegue a transformação, então outras coisas serão reais; se nenhuma outra coisa se torna real, então a pessoa sucumbe". 42 E há um poema de Olvido Garcia Valdés que diz o seguinte: "Às vezes me acometem crises de irrealidade; não de identidade, e sim de irrealidade; não quem sou, e sim se estou. Onde vivemos? (O plural acolhe a muitos, mas sozinhos). Não onde somos vistos, somos encontrados, e sim onde nos sentimos viver".43 O importante, então, não é a natureza do real, ou o conhecimento, ou a gestão, ou a transformação do real, e sim o que significa que algo se ja "válido como real". Porque quando nada é válido como real, então é quando temos essa sensação de irrealidade sobre a qual escreve Olvido, e não só não sabemos onde vivemos como não sabemos sequer se vivemos uma vez que não "nos sentimos viver", e então "sucumbimos", ainda que continuemos caminhando sobre nossas pernas, tão tranquilos. Por isso o real está relacionado com a vida. E o sentimento de irrealidade, esse que faz com que a pessoa sucumba ou não se sinta viver quando já nada

<sup>41</sup> CANETTI, E. La provincia del hombre. Madrid: Taurus, 1982, p. 11-12.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup>HANDKE, P. Fantasías de la repetición. Santa Cruz de Tenerife: Prames, 2000, p. 50.

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup>GARCÍA VALDÉS, O. Esa políl la que delante de mi revolotea. Poesia Reunida. Barcelona: Galaxia Gutemberg, 2008, p. 433-434.

"se torna real", está muito ligado ao sentimento de certa desvitalização da vida, a esse sentimento que nos faz dizer que esta vida não é vida, ou que a vida está em outra parte. Se isso nos acontece não é porque não estamos vivos, mas sim porque vivemos uma vida desvitalizada, uma vida à qual falta vida. E o que buscamos é algo assim como a vida da vida, uma vida que este ja cheia de vida. Se falamos, então, de que necessitamos que algo seja válido como real, isso tem a ver com a suspeita de que falta algo ao que nos é dado como real. Como se o que nos dizem que é, o que nos dizem que existe, o que nos dizem que acontece, fosse uma espécie de realidade sem realidade, uma realidade, poderíamos dizer, des-realizada, como se estivesse inclinada a perder. E buscamos então algo assim como a realidade da realidade, esse ingrediente, ou essa dimensão, que faz com que algo ou alguém se ja válido como real, que nos dê certa sensação de realidade. Por isso, do mesmo modo que reclamamos que a vida este ja viva, reclamamos também que a realidade se ja real, quer dizer, que tenha a legitimidade, a força, a presença, a intensidade e o brilho do real.

#### Muros

Dado que o solo é horizontal, e que a moral do trabalho atualmente imperante nos obriga a adotar, muito mais do que gostaríamos, posições verticais, entender-se-á que a situação do ser humano no mundo não é demasiado cômoda. Por isso, precisamos dos muros, para que nos ajudem a nos mantermos erguidos. Quando os muros se fecham sobre si mesmos, se convertem em guetos e cárceres de diversas espécies como as fábricas, as escolas, os manicômios, os hospitais, os condomínios geminados e os diversos tipos de escritórios. Quando sua altura é excessiva, tornam-se frontei-

ras, obstáculos e barreiras. São muros a metafísica, a ciência, a moral, a política, a religião, a arte e as formas consensuais da linguagem. Em geral, nos impedem de ver o outro lado, transpassar o âmbito do conhecido e aprender outras formas de viver, de pensar e de nos relacionarmos. E, o que é pior, nos fazem esquecer que alguma vez os construímos.<sup>44</sup>

# Desejo de realidade

Podemos dizer que a pedagogia é esse conjunto de discursos mais ou menos especializados que serve para nomear o que há, o que acontece ou o que nos acontece em uma série de ambientes vitais ou existenciais determinados, os que têm a ver com a educação. E prestem atenção em que digo "vitais" e não simplesmente "profissionais". O que acontece é que esses discursos (talvez precisamente porque são profissionais e não vitais ou existenciais) raramente surpreendem, ou comovem, ou golpeiam com o que antes se chamava "a legitimidade, a força, a presença, a intensidade ou o brilho do real". Algo que de fato acontece, às vezes, com a literatura, as artes, o cinema ou a filosofia. Ou ao menos com certa literatura, com certas artes, com certo cinema e com certa filosofia. Como se o escritor, o artista o cineasta ou o filósofo é que fossem sim, às vezes, capazes dessa relação com o real na qual o real está cheio de realidade. E talvez isso ocorra, precisamente, porque nem o escritor, nem o artista, nem o cineasta, nem o filósofo estão preocupados por isso que nos discursos pedagógicos se chama de "conhecimento do real" ou "diagnóstico do real" (ou, ao menos, não por um conhecimento do mesmo tipo, não por esse tipo de

<sup>&</sup>quot;Elaborado para o limbo a partir do prólogo do livro de MAILLARD, C. Contra el arte y otras imposturas. Valencia: Pre-Textos, 2008.

conhecimento, o da investigação, que talvez pudéssemos chamar, provisoriamente, de conhecimento objetivante, ou conhecimento crítico), nem estão preocupados, tampouco, por isso que na pedagogia se chama de "transformação do real" (ou, ao menos, não por uma transformação de tipo técnico ou, inclusive, de tipo prático). E se o que eu estou chamando de pedagogia (em uma generalização abusiva e sem dúvida brutal) não é capaz de nos dar coisas que sejam válidas como reais e, inclusive, contribui para a desrealização do real e a correlativa desvitalização da vida, talvez fosse preciso começar a problematizar a sério nossas formas de olhar, de dizer e de pensar o educativo, nossas formas, definitivamente, de habitar esses espaços (não só de estar neles). E nos colocarmos no caminho de olhar de outro modo (e talvez possamos aprender do cinema, e de outras artes do olhar), de dizer de outro modo (aprendendo, talvez, da literatura, arte da palavra), e de pensar de outro modo (aprendendo aqui da filosofia, arte do pensamento). Para que esse modo de olhar, de dizer e de pensar nos faça encontrar talvez uma realidade que mereça esse nome e na qual nos sintamos viver.

# A desrealização do real

O real não é coisa, e sim acontecimento. A coisificação e a objetivação destroem o real, o põem a perder. Por isso o sujeito da experiência não é um sujeito objetivador ou coisificador, e sim um sujeito aberto que se deixa afetar por acontecimentos.

O real não é um tema ou um problema, mas sim uma questão sempre aberta. Um tema exige um desenvolvimento, um problema exige uma solução, mas uma questão exige, por acaso, uma resposta. Por isso a tematização ou a problematização também são mecanismos de devastação do real. E o sujeito da experiência não é aquele que tematiza ou que problematiza, e sim o que pergunta e sobretudo o que se pergunta.

O real não é representação ou identidade, e sim presença. A representação e a identificação são essas operações de desdobramento ou de duplicação pelas quais algo ou alguém real e, portanto, singular, incompreensível, inidentificável e irrepresentável se converte em uma espécie de duplo de si mesmo enquanto é construído como representante de alguma categoria genérica que não é senão a encarnação de um estereótipo. Por isso os dispositivos de identificação desrealizam o real. E por isso o sujeito da experiência não é aquele obcecado pela vontade de identificar, uma vontade que sempre tem algo de policial, mas o que trata de estar ele mesmo presente na relação que estabelece com aquilo que se lhe apresenta

O real não é o que deveria ser, e sim o que é. Por isso as intenções sobre o real (inclusive as melhores intenções) o põem a perder enquanto o constroem à medida de nossa vontade, de nossos objetivos, de nossos fins e, definitivamente, de nosso poder. O sujeito da experiência não julga. Tampouco é aquele que se pergunta constantemente sobre o que poderia fazer para que o real se ja outra coisa diferente do que é, para que seja, definitivamente, como ele gostaria que fosse. Não é um sujeito intencional, nem um sujeito jurídico, nem um sujeito crítico, e sim um sujeito atento. Et cetera, et cetera, et cetera.

### Desejo de linguagem

As linguagens da experiência tratam de fazer justiça à realidade e à vida. Uma vez que dizem respeito à experiência, estão feridas de realidade, feridas de vida. Mas também querem constituir experiência. Por isso vão em busca da

realidade e da vida. E isso não quer dizer, certamente, que tenham de estar evidenciadas nas diferentes retóricas do realismo nem que tenham de responder a pressupostos vitalistas. O realismo, na escrita, está muito desprestigiado. E os vitalismos, em filosofia, recordam vagamente a primeira metade do século passado. Porém, ao mesmo tempo, só nos interessam as escrituras que estão atingidas pela realidade, e os pensamentos que estão relacionados com a vida. Com esse algo que acontece ou que nos acontece, que não é simplesmente uma projeção de nós mesmos, que às vezes pesa, e às vezes dói, e às vezes assombra e maravilha, e sempre surpreende, e às vezes é incompreensível, e que eu gostaria, ao menos aqui e agora, de continuar nomeando com essas velhas e arruinadas palavras sem as quais a palavra "experiência" não tem sentido: a palavra "realidade" e a palavra "vida". Porque só é real, "válido como real", o que está vivo. E só nos sentimos viver se temos um "sentimento de realidade", quer dizer, se estamos em contato com algo que mereça ser chamado de "real". Além disso, há muitos âmbitos e muitos tipos e muitas dimensões da realidade, todas as que constituem nossa vida, todas as que nos tocam em um ponto sensível: o que vemos, o que sentimos, o que existe, o que inventamos, o que imaginamos, o que sonhamos, o que já não está e de que sentimos falta, o que acontece ou o que nos acontece. E é a isso que temos de ser fiéis no modo como o dizemos, o nomeamos, o representamos ou, em geral, o significamos. Trata-se, então, de problematizar o modo como colocamos juntas as palavras e as coisas, a linguagem e o mundo, o inteligível e o sensível, o sentido e a experiência. Por isso nossa forma de nos situarmos na relação ou no interstício entre o real e a linguagem é, literalmente, vital. Essa, e não outra, é a questão do relato e do ensaio como linguagens da experiência. As demais são

técnicas de escrita, ladainhas autojustificativas e banalidades metodológicas.<sup>45</sup>

### Vibrações

Nada restará de nossos corações. Cada uma de nossas partículas retornará a seu elemento. Mas nossas palavras traçaram um rastro, vibraram no ar, tocaram a outros. E o que vibra segue seu caminho, incita, se recarrega, se multiplica, cresce e continua. Transforma-se. Somente ouvido irá se transformar. O destino da palavra é se desintegrar quando chega a tocar o que é mais sólido do que ela: a carne. Ao se desintegrar como se desintegra qualquer signo apenas cumpre sua incumbência, isto é, ao mostrar aquilo a que se dirige. Porém, de novo, a palavra, felizmente, é mais do que um signo: é uma força viva que se desfaz quando alcança a matéria que há de lhe dar nova fora. A palavra se encarna, seu destino é encarnar-se.

#### A menina de Barcelona

A história se situa numa manhã de sábado de outono na Plaza Virrey Amat de Barcelona. Havíamos deixado as

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup>Sobre o relato e o ensaio como linguagens da experiência pode-se ver os textos incluídos em AAVV, Déjame que cuente. Ensayos y narrativas y educación. Barcelona: Laertes, 1995 (2ª edição em Buenos Aires, 2009). Também os trabalhos que há em Jorge LAR ROSA e Carlos SKLIAR (Eds.), Entre pedagogía y literatura. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2005. E, por exemplo, Jorge LAR ROSA, "El ensayo y la escritura acadêmica" em Propuesta Educativa nº 26. Buenos Aires, 2003. "La operación ensayo. Sobre el ensayar y el ensayarse en el pensamiento, en la escritura y en la vida" em Educação e Realidade. v. 29. n. 1. Porto Alegre (Brasil), 2004. "Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes", em Raquel LAZZARI; Leite BAR BOSA (Ed.), Trajetórias e perspectivas da formação de educadores. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 2004.

meninas na porta do ginásio poliesportivo (a partida de basquete começaria uma hora mais tarde) e nós, o grupo de pais, fomos tomar um café num terraço ensolarado. Depois de um tempo, passou entre as mesas uma menina de cabelo negro, liso e longuíssimo, olhar triste, uma saia preta que ia até os pés e que tinha uns 12 anos de idade (a idade das nossas). Estava pedindo esmola. O grupo ao qual eu pertencia a ignorou completamente, creio que sequer a olhamos, e começou uma estranha conversação. Que se devia chamar a polícia; que é a família que a explora e esta menina, sem dúvida, seria muito mais feliz em outro lugar, daqui a um mês teria outro sorriso; que estão lhe roubando a infância (porque infância é o que nossas meninas têm, é claro, as que praticam esporte nos fins de semana, como tem que ser); que se acostumam com a mendicidade, a viver dos outros e não aprendem o que é o esforço e o trabalho (porque o esforço e o trabalho, claro, é o de nossas meninas, as que de fato aprendem a viver de si mesmas, a ser autônomas como se diz agora); que sempre são as crianças que o pagam (mas pagam o quê?); que menos mal que não havia nenhum motivo em cima da mesa porque já se sabe (o que quererá dizer isso de "já se sabe"? e, sobretudo "quem sabe?") que enquanto alguém o distrai pedindo o outro lhe rouba o bolso ou o telefone; que seria preciso fazer algo para que essas coisas não acontecessem, etc., etc., etc. A conversação me lembrou o filme De nens, de Joaquim Jordá, aquele que ele fez sobre o caso de pederastia do Raval. Nesse filme e, naturalmente, em nome de uma infância a proteger, por amor às crianças, faltaria mais, se empregam todos os aparatos policiais, jurídicos, psicológicos, assistenciais e mediáticos, toda essa bateria de experts que falam a partir da ignorância, ainda que, sem dúvida, a partir de uma ignorância muito informada, certamente sem que jamais lhes trema a voz, e tive a sensação

de que nenhum de nós havia olhado para essa menina que havia passado disfarçadamente junto à nossa mesa, inclusive de que ninguém havia passado por ali, que sua passagem fugaz e quase imperceptível não havia sido outra coisa que um pretexto para o desdobramento de nossas opiniões (de nossos prejulgamentos, de nossa estupidez) sobre o que é uma criança e o que seria preciso fazer com ela.

### A menina de Londres

Um pouco mais tarde, quando todos se levantaram para irem ver o jogo, decidi ficar um pouco mais para ver se passava meu mau humor. Então abri o jornal e a primeira coisa que vi foi uma coluninha de José Luis Pardo sobre um livro recém-publicado que se chama "Lo que está mal em el mundo". A coluna dizia assim:

Ao final do século XIX, a legislação higienista obrigava às meninas pequenas - obviamente, só as pobres, a rasparem o cabelo para lutar contra os piolhos que habitavam nos subúrbios; parecia uma medida sábia, e poucos notaram que o que estava mal eram os piolhos e os subúrbios, não os cabelos, e que, portanto, eram os primeiros, e não os segundos, o que era preciso eliminar. Certamente, tampouco havia muitos que dissessem publicamente que se o cabelo das meninas dos subúrbios estava cheio de piolhos é porque viviam, como seus pais e mães, pisoteados no pó por seus tiranos, e que o que seria preciso cortar era as cabeças destes e não os cabelos dos servos, embora este último fosse mais fácil. Entre os poucos que eram de fato capazes de dizer todas essas coisas encontra-se o autor destes ensaios, que em suas páginas de conclusões ilustra sua posição tomando o partido dessa moça andarilha que passeia seus formosos cachos de

cabelos ante as ávidas tesouras dos higienistas: "a pequena menina de rua de cabelo loiro dourado, aquela que acabo de ver passar junto à minha casa, não deve ser tosquiada, nem aleijada, nem alterada; seu cabelo não deve ser cortado como o de um convicto; todos os reinos da terra devem ser destruídos e mutilados para servirem a ela; ao seu redor, a trama social deve oscilar, romper-se e cair, os pilares da sociedade vacilarão e os telhados mais antigos desabarão, mas não será estragado nenhum fio de cabelo de sua cabeça". Chamava-se G. K. Chesterton e o mundo seria bastante pior sem seus livros. 46

Aqui teríamos o segundo conto, ou uma segunda menina, um conto que se situa há mais de cem anos, em alguma rua de Londres, talvez também alguma manhã ensolarada, em que outra menina passa pela rua, mas em vez de cruzar com um grupo de cidadãos exemplares, ou seja, de imbecis perigosos, cruzou com um escritor.

#### A menina de São Paulo

As duas meninas ficaram bailando na minha cabeça e, ao chegar em casa, procurei uma terceira menina, para que a coisa não ficasse por demais dicotômica. De modo que procurei um livro e encontrei o terceiro conto, aquele que acontece na Avenida Paulista, em São Paulo (Brasil), desta vez na primavera, em um entardecer de 1984. Outra menina atravessa a paisagem, passa pela rua, e a testemunha agora não é um grupo de papais tão estúpidos quanto seguros de si mesmos, nem um escritor talvez irritado com o mundo, mas sim um cineasta, um desses que reinventou o realismo, ou melhor, desses que

trabalham na confluência e na tensão entre os dois polos do cinema: o cinema do real (o que entende o mundo como uma realidade a desvelar através de algum tipo de epifania, do surgimento inesperado de alguma espécie de verdade) e o cinema da construção (o que entende o mundo não como um real a revelar ou a descobrir mas sim como uma construção labiríntica, vertiginosa, sempre com duplo ou triplo fundo, ou sem fundo), mantendo sempre a tensão entre o documental e a ficção, o real e o mental, o concreto e o abstrato, o material e o ideal, o dado e o construído, o físico e o metafísico.

O caso é que Abbas Kiarostami estava como jurado de um festival de cinema, havia terminado o trabalho, não tinha nada para fazer, desceu até a rua, e uma menina lhe chamou a atenção:

Acendo um cigarro e, a dois metros de mim, vejo uma menina que está revirando lixo. Seus seios estão despontando. Usa calças verdes e saltos de três ou quatro centímetros. A menina veste duas camisetas, uma em cima da outra (a de baixo justa, branca, suja; a de cima maior e ainda mais suja). No cabelo, muito cacheado, tem uma piranha exatamente do mesmo tom de verde das calças. Carrega uma bolsa de plástico. Seus gestos são delicados, deliberados. Ansioso, sigo-a com o olhar. Anda muito bonito, sem pressa, caminhando de um lixo a outro.<sup>47</sup>

O cineasta a segue a distância, a observa e, por razões que ele mesmo não entende, fica obcecado por ela:

Ao princípio tudo era fácil. Podia desistir, me esquecer. Mas agora estou demasiado implicado. Quero

<sup>46</sup> PARDO, J. L. Babelia. In: El País, 08 jan. 2008.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup>KIAR.OSTAMI, A. Sobre la mirada (Uma buena ciudadana). In: MASS-CHELEIN, J.; SIMONS, M. (Eds.). Mensages e-ducativos desde tierra de nadie. Barcelona: Laertes, 2008, p. 58.

saber se a menina, finalmente, vai encontrar algo para comer. Mas não, não é só isso. Não há nada novo na fome humana. O problema da fome entre os que não têm fome tampouco é novidade. Desde o primeiro dia, nessa cidade, topei com um número enorme de famintos pelas ruas. Um número muito maior do que me haviam contado. Mas essa menina em particular tem alguma coisa que me chamou a atenção. Gosto do modo como se veste, de sua maneira de andar, sua idade e seus seios minúsculos. Caminha com orgulho. Caminha de uma forma diferente dos outros. Seu porte é superior ao dos outros famintos [...]. Sua expressão é digna e acalmada. Sua pele, delicada e saudável. Seu rosto não reflete pobreza, nem fome, nem desespero. Não parece olhar nada, não parece dar-se conta de nada. Está claro que ninguém a olha. Não há, na menina, nada que de fato chame a atenção. Mas é impossível não notá-la. Quem a vê dar vinte passos não pode ficar indiferente. Eu a teria notado, inclusive mesmo que tivesse metido as mãos no lixo. Parece uma princesa dedicando a tarde a passear por um imenso jardim. Caminha com um passo um pouco mais rápido do que os que estão passeando, é verdade, porém como alguém que quer perder peso. Mas não está nem gorda nem magra. Suas formas estão perfeitamente proporcionadas. As nádegas, um pouco mais pronunciadas que a média. Talvez pela roupa. Talvez os saltos de três ou quatro centímetros façam com que as nádegas se sobressaiam. Mas não é por isso que a estou seguido. É possível que uma pessoa com fome, e em busca de comida, possa manter seu orgulho. É possível que uma pessoa pobre possa ter, por algum acaso, umas nádegas formosas. Eu a sigo pelo que representa. Não sou uma pessoa boa, uma pessoa humanitária, um sentimental. O que me leva a segui-la

é a combinação da beleza, orgulho e fome. E deve se tratar de uma combinação poderosa, porque, via de regra, eu desvio os olhos dos pobres. Não gosto que me incomodem. Odeio ver a pobreza, a fealdade, a enfermidade e a desgraça. Não sou responsável pela fome. Alimento-me com minha parte (nem mais, nem menos). E estou dizendo tudo isso para que você não pense que sou dado a sentimentalismos. Não, nunca. E, sim, sigo a menina porque não tenho nada para fazer, de maneira que não faço o que faço movido por nenhuma preocupação humanitária". 48

#### Moral da história

Três meninas (ou a mesma menina) passam pela rua. Os cidadãos respeitáveis não as olham, mas manifestam em torno de sua ausência o que eles sabem, o que eles opinam, o que eles creem que seria preciso fazer com elas. Mesclam o policial e o humanitário (a biopolítica e as boas intenções) de uma forma parecida com aquela como a maior parte do discurso pedagógico convencional. O escritor irritado sente que todos os poderes da terra, toda a ordem social, cambaleiam diante de seu passo desafiante. A menina não confirma o mundo, mas sim o põe em questão na sua totalidade. O cineasta coloca em jogo toda a sua atenção para cancelar qualquer projeção emocional ou de qualquer outro tipo e conseguir nos levar a ver (e a pensar) a beleza longínqua e incompreensível, mas radiante, dessa mescla andante de orgulho e fome.

Eu não sei se esta história diz algo das diferentes formas como fazemos com que algo seja, ou não, "válido como real". Não sei se diz algo da experiência, do que nos acontece quando algo ou alguém, uma menina, passa pela rua. Não sei se diz

<sup>48</sup>KIAROSTAMI, 2008, p. 59-60.

algo do "sentir-se viver". Não sei se diz algo da linguagem, ou de certo tipo de linguagem, esse que nos ensina a olhar, a sentir, que nos torna atentos. Mas, possivelmente, nos permite pensar alguma coisa. Ou, simplesmente, nos faz pensar em outras meninas, em outras coisas que acontecem ou que nos acontecem, e nessa sensação de irrealidade que às vezes nos acomete quando reduzimos o que acontece a uma projeção de nós mesmos ou, em outras palavras, de nosso saber, de nosso poder e de nossa vontade. Não se trata, é claro, de querer escrever como Chesterton ou como Kiarostami. Mas não é mau ler um ou ver os filmes do outro, ainda que seja só para tratar de não ser tão estúpidos como os cidadãos exemplares de minha primeira história e os políticos, os *experts*, os jornalistas e os funcionários que cultivam e encarnam suas formas estúpidas de sentir, de pensar e de dizer.

# Sobre a arte de tocar as castanbolas

#### Outra vez Ferlosio:

[...] um dos mais inteligentes espanhóis – cujo nome, por desventura, eu nunca soube—, autor de uma Arte de tocar as castanholas, começava o prólogo de seu tratado com esta declaração absolutamente exemplar e memorável: "Não faz nenhuma falta tocar as castanholas, mas em caso de tocá-las, mais vale tocá-las bem do que tocá-las mal". Se isto disse aquele homem, alcançando iluminar simultaneamente a ética e a estética com um mesmo e único resplendor de luz, referindo-se à declaradamente inútil dedicação de tocar as castanholas, bem cabe aplicar o mesmo a outras dedicações que, em vez disso, tendem a ser consideradas, em princípio, necessárias.<sup>49</sup>

### Ler e dar a ler

Os pedagogos, dizia antes, fizemos cara, ou carranca, de experts, de políticos, de jornalistas e de funcionários. Por isso a linguagem dominante no campo é uma mescla pastosa, pegajosa e totalitária das línguas de todos esses grêmios. Além do mais, a maioria de nós vive encurralada, como as aves asquerosas, em espaços universitários, ou seja, colocados a serviço do Governo e completamente mercantilizados. Como se isso fosse pouco, o imperativo dos dispositivos da "pesquisa" e das pressões da "carreira acadêmica" nos obrigam a escrever, e a publicar, de uma forma completamente absurda, inútil e enlouquecida. Escrever (e ler) se converteram em práticas espúrias e mercenárias, orientadas à produção de textos direcionados sobretudo aos comitês de avaliação e aos organismos financiadores de projetos de pesquisa. E, como bons professores, nos dedicamos a explicar e a doutrinar quando falar a partir da experiência e para a experiência consiste, exclusivamente, em dizer algo a alguém, como igual, e não como aluno, não como alguém a quem é preciso explicar alguma coisa ou convencer de alguma coisa. José Ángel Valente dizia com clareza: "Escrever é uma ventura totalmente pessoal. Não merece julgamento. Não o pede. Pode produzir, produz às vezes no outro uma escolha, uma enfermidade, uma penetração. Outra aventura pessoal. Isso é tudo". 50 Então, é possível algum tipo de "verdade" nessas condições? Inclusive a "experiência" se converteu em tema de pesquisa, em disciplina acadêmica e em motivo de escrita de teses doutorais. As formas institucionalizadas de escrever expulsam os que têm língua, os que pensam o que dizem e os que não se acomodam às formas coletivas e gregárias de trabalho que nos são impostas. Não é mau, então, insistir,

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup>FERLOSIO, R. S. Cultura, ¿para qué? In: El alma y la vergüenza. Barcelona: Destino: 2000, p. 320.

<sup>50</sup>VALENTE, J. A. Notas deun simulador. Madrid: La Palma, 1997, p. 22.

como Ferlosio, em que não há nenhuma necessidade. Nem de tocar as castanholas, nem de escrever. Se não somos capazes de fazê-lo bem, mais vale não fazê-lo. Deveria bastar ler. Y, se trabalhamos na universidade, deveria bastar ler e transmitir o que temos lido, que não é pouco. Deveria bastar dar a ler<sup>51</sup>. Como naqueles tempos remotos nos quais ainda se estudava.

# Palavra de poeta

Talvez essa relação entre a língua e a vida, entre a língua e a realidade, só seja custodiada já pelos poetas ou, em geral, pelos que ainda são capazes de prestar atenção ao que a língua tem de poético, ao que a vida tem de interminável e ao que a realidade tem de incompreensível (quando está viva e nos toca num ponto sensível). Comecei comentando uns versos de Montale, de Vilariño, de Pessoa. Terminarei com palavras de Paul Celan, umas palavras que fazem com que este texto que você talvez acaba de ler seja completamente prescindível, essas nas quais se define o poeta como aquele que "exposto em um sentido nunca antes previsto, e portanto terrivelmente ao descoberto, vai com todo seu ser à linguagem, ferido de realidade e em busca de realidade".52

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup>Ver LARROSA, J. Dar a leer, quizá... In: Entre las lenguas. Lenguaje y educación después de Babel. Barcelona: Laertes, 2003.

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup>CELAN, P, Discurso de Bremen. Rosa cúbica. Revista de poesía. n. 15-16. Barcelona, 1996, p. 50.